

Tudo começa e termina em Gaza



Por **TARSO GENRO***

Assistimos à naturalização do inaceitável: a transformação de um genocídio em mero episódio geopolítico, revelando que a razão já deu lugar aos monstros que produziu

“A melhor forma de viver o futuro é criá-lo” (Joseph Conrad).

1.

“Relaxamento, torpor, anestesia e sonolência”, causadas pelo ópio fumado ou bebido em “tinturas preparadas para o consumo” foram - mais além das devastações materiais e humanas - os primeiros efeitos na perversão da subjetividade humana, desenhados desde dentro do capitalismo industrial.

São os legados para o século, que mudaram os perigos imediatos e nos colocaram perante duas consequências que dão o perfil da crise civilizatória e política global: a crise climática e a destruição da ONU. As notícias e os comentários angelicais da imprensa tradicional sobre os esforços de Donald Trump para “conseguir a paz” são naturalizações cínicas e humilhantes feitas para um público alienado, num século que já começa terminando.

Tudo de novo, mas nada de novo, embora nada mais seja o mesmo. As duas guerras do ópio encetadas pelo Estado Inglês (1839-1842 / 1856-1860) já foram tipicamente “protecionistas”, pois tinham como objetivo amparar os negociantes ingleses perante as novas decisões do Imperador da China. Este pretendia limitar a venda do ópio no país, “diante do grande impacto” que (o seu uso) ou fruição, vinham causando na saúde pública e na “balança comercial” daquela nação milenar.

O monopólio do comércio do ópio pela velha Inglaterra proporcionou o controle dos portos chineses para o país, bem como a garantia de espaços geopolíticos importantes, definidores da “reserva de mercado” imperial-colonial sobre a China: os sentidos das crises atuais são visíveis à olho nu e formam a tempestade perfeita para uma nova guerra mundial ainda não declarada.

A guerra das civilizações, da qual nos falou Samuel Huntington, bem como as guerras representadas na gravura de Goya (*“O Sono da Razão que Produz Monstros”*) que Antonio Gramsci eternizou como morbidez da história mostram um velho mundo que morre e um mundo novo que hesita entre o não nascer, ou nascer já deformado pelas dores de um parto sem resultado.

A situação do colonialismo inglês bastou para que Karl Marx designasse, à sua época - por analogia - a religião como um “ópio” do povo. Era o ópio que amortecia as resistências físicas e morais da nação chinesa, bem como as religiões da época - no ocidente - que subordinavam consciência dos indivíduos livres, para arrastá-los - pelas guerras - a morrer pelo interesse das classes dominantes locais, funcionando como entorpecente.[\[1\]](#)

a terra é redonda

2.

Tensão, energia dispersa do mal, ofensas socavadas nas redes manipuladas e sonhos com um torpor que não relaxa, substituíram a época “inglesa” das guerras do ópio, pelas guerras americanas aparentemente simples, das operações militares por procuração. Vivemos agora a mais americana perda dos sonhos, nas linhas liberais de disseminação do Fentanil, da cocaína, heroína, crack - das drogas sintéticas e do racismo - da imigração reprimida no mercado de trabalho segregado.

Uma carta de Ítalo Balbo a Benito Mussolini, datada de 19 de janeiro de 1939, já traz o cinismo de uma época que se repete, quando refere à missão que o “Duce” lhe atribuíra, de “cuidar dos judeus líbios”. Isso no contexto da repressão racista e das chacinas que levaram ao Holocausto - mandato para o qual Hitler exigia um comportamento solidário dos seus aliados, propagado “pela pureza racial” que legitimaria a dominação do mundo pela Alemanha nazista.

Um dos principais organizadores do Partido Fascista na Itália, Ítalo Balbo foi o Governador da Líbia que nessa carta a Mussolini dizia o seguinte: “Os judeus já estão mortos, não há necessidade de se enfurecer contra eles”, fórmula “otimista” para a versão italiana da barbárie. Mussolini, todavia, quatro dias depois - de forma tão simples como reveladora do poder fascista - responde que a aplicação das leis italianas era para ser mantida na Líbia, porque “os judeus parecem, mas nunca estão definitivamente mortos”.^[1] É o que já dizem Benjamin Netanyahu e Donald Trump sobre os palestinos, nos dias que correm.

Não é exagero dizer que, no médio curso da conjuntura, são visíveis três pontos de apoio que, se não foram removidos do cenário através de articulações políticas com a força global das potências “médias” (onde estamos incluídos) este mundo que aí está, será sucedido talvez por um outro muito pior, mesmo porque não o entendemos ainda de maneira plena.

Racismo, colonialismo, violência, ódio racial, comércio exterior, imigração, tudo o que baseou as guerras de antes faz hoje tudo começar e terminar em Gaza, passar pelo Sul do Mercosul, abrindo-se em direção à Venezuela para estender seu manto na direção norte à Colômbia e rumo ao México. Depois dali, está a força do Presidente Trump que, após financiar o genocídio, assinou a paz dos vencedores sobre uma montanha de cadáveres insepultos.

3.

Os três pontos de conflito mais visíveis são: a paz dos “cemitérios” em Gaza, Donald Trump se preparando para ocupar a Venezuela e o golpe continuado no Brasil. A extrema importância deste último vem da fusão das externalidades com as interioridades das relações políticas, que fazem renascer todos os dias o que foi e é consenso de Washington.

A democracia ainda resiste em alguns pontos do mundo, assediada pela destruição das poucas cláusulas que restaram do Estado Social e com perdas materiais nos tormentos das guerras. Tudo está mais perto do que parece ser um fim de mundo, muito distante do pior cenário previsto por Washington, quando o sistema do capital enterrou a União Soviética.

Hoje, todavia, é impossível destruir a China, uma nova potência que disputa, palmo à palmo - por dentro do sistema global do capital - os poderes conferidos pela ciência e pela técnica, que também podem dominar territórios e preparar-se para a guerra ou para uma nova etapa de paz precária sem desmantelar-se.

As monarquias feudais árabes e a União Europeia estão limitadas pelos seus compromissos diretos ou indiretos com o ocidente, face a sua dependência militar e econômica dos Estados Unidos. Fera acuada pelas contradições, entre aquilo que disseram seus pais fundadores e aquilo que o país realiza através da violência militar, é um país que só poderá ser resgatado para democracia com seu próprio povo em luta. Única saída - também - para uma paz estável entre a Rússia e a Ucrânia.

Os que dizem em todos os lados que por dentro da democracia política e do Estado Social de Direito não tem saída (o que

já pode ser considerado uma “saída” trágica dos estreitos becos do Século XXI) não estão, na verdade, atacando a democracia. Estão dizendo que neste século não tem saída e que o destino de viver em guerras por mais cem anos é o nosso destino fatal. Quem sabe, assim será! Mas não podemos perder o rumo na centralidade do presente: o genocídio que aconteceu em Gaza, “sob os olhos do ocidente”, parafraseando Joseph Conrad, mostra que tudo começa como começou em Gaza e tudo termina como terminou Gaza! Na celebração do Horror.

***Tarso Genro** foi governador do estado do Rio Grande do Sul, prefeito de Porto Alegre, ministro da Justiça, ministro da Educação e ministro das Relações Institucionais do Brasil. Autor, entre outros livros, de *Utopia possível (Artes & Ofícios)*. [<https://amzn.to/3DfPdhF>]

Notas

[i]RODRIGUES, Thiago. *Drogas e Capitalismo: uma crítica marxista*. Rio de Janeiro, Autografia, 2024, p. 17.

[ii] SCURATI, Antonio. *M: os últimos dias da Europa*; tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2025, p. 151.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)